



DEFESA DE LOUISE MICHEL

DEFENSE OF LOUISE MICHEL

DÉFENSE DE LOUISE MICHEL

Tradução

**Hannah Fernandes Abreu¹; Júlia Marinho
Carvalho²; Rebeca Freitas de Siqueira³; Samira
Evelen de Passos⁴; Tainá Lelis Guterres Ribeiro⁵**

¹ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

² Graduanda em Filosofia pela Universidade de Brasília e Psicologia pela Universidade Católica de Brasília.

³ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

⁴ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

⁵ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.



RESUMO: A tradução do texto *Defense de Louise Michel* (1883) realizada pelas integrantes do projeto de extensão “*Féministes avant l’heure*”, sob coordenação do professor Philippe Lacour, executado no âmbito do programa estratégico “*Mulheres e Meninas na ciência: o futuro é agora*”, com apoio do *Decanato de Extensão*, o *Decanato de Pesquisa e Inovação* e a *Secretaria de Direitos Humanos* da Universidade de Brasília, traz importantes contribuições ao entendimento do contexto revolucionário francês. Ao mergulhar no discurso proferido por *Louise Michel*, a tradução não apenas transmite suas palavras, mas também ressoa como um eco das vozes daquelas que aspiravam a uma sociedade mais justa e igualitária. Ancorada no cenário robusto da *Commune de Paris*, a tradução amplifica o papel crucial de *Michel* como figura feminina nesse contexto histórico, destacando sua coragem e visão em prol da liberdade.

Palavras-chave: Louise Michel. Comuna. Defesa. TraduXio.

ABSTRACT: The translation of *Louise Michel's Defense* (1883) carried out by the members of the “*Féministes avant l’heure*” extension project, under the coordination of Professor Philippe Lacour, executed within the strategic program “*Women and Girls in Science: the Future is Now*,” with support from the *Deanery of Extension*, the *Deanery of Research and Innovation*, and the *Human Rights Secretariat* of the University of Brasília, brings significant contributions to the understanding of the French revolutionary context. Delving into *Louise Michel's* speech, the translation not only conveys her words but also resonates as an echo of the voices of those aspiring to a fairer and more egalitarian society. Anchored in the robust setting of the *Commune de Paris*, the translation amplifies *Michel's* crucial role as a female figure in this historical context, highlighting her courage and vision for freedom.

Keywords: Louise Michel. Commune. Defence. TraduXio.



[TRADUÇÃO]

DEFESA DE LOUISE MICHEL

Aos 22 de junho de 1883, a grande cidadã, de cujo o nome é Louise Michel, proferiu, perante o *Tribunal Penal do Sena*, o seguinte discurso:

“Há algo mais importante neste julgamento do que o simples roubo de alguns pedaços de pão. Trata-se de uma ideia que estão perseguindo; trata-se das teorias anarquistas que alguns desejam condenar a todo custo. Dão destaque ao famoso panfleto: "À L'ARMÉE!" ao qual o Ministério Público parece ter se esforçado em dar publicidade, o que não esperávamos. Agiram de maneira mais severa conosco em 1871.

Vi os generais fuziladores; vi o Sr. de Gallifet mandar matar, sem julgamento, dois comerciantes de Montmartre que nunca foram simpatizantes da Comuna; vi prisioneiros serem massacrados por ousarem reclamar.

Foram mortas mulheres e crianças; foram perseguidos os federados como feras selvagens; vi esquinas cheias de cadáveres. Não se surpreendam se suas perseguições pouco nos comovem.

Ah, certamente, senhor procurador-geral, você acha estranho que uma mulher ouse defender a bandeira preta.

Por que abrigamos a manifestação sob a bandeira preta?

Porque esta bandeira é a bandeira das greves e indica que o operário não tem pão.

Se a nossa manifestação não tivesse sido pacífica, teríamos pegado a bandeira vermelha; ela está agora pregada no cemitério Père-Lachaise, acima do túmulo dos nossos mortos. Quando nós a erguermos, saberemos como defendê-la. (Murmúrio).

Não recorreremos à Internationale morta porque não foi possível reunir os seus troços e porque a Internationale é um poder oculto e é tempo de o povo se mostrar à luz do dia.

Falaram há pouco sobre soldados atirando nos líderes: Bem! Em Sedan, se os soldados tivessem atirado nos líderes, você acha que teria sido um crime? Pelo menos a honra teria sido salva.



Enquanto estávamos observando essa antiga disciplina militar, deixamos passar Sr. Bonaparte, que estava prestes a entregar a França ao estrangeiro.

Mas eu não estou atrás de Bonaparte ou dos Orléans, estou atrás da ideia. Eu prefiro ver Gautier, Kropotkine e Bernard na prisão do que no Ministério. Lá eles servem à ideia socialista, enquanto na prisão você tomado pela vertigem e esquece tudo.

Quanto a mim, o que me consola, é que eu vejo, acima de todos, acima dos tribunais, se levantar a aurora da liberdade e da igualdade humana. (Murmúrio)

Nós estamos hoje em plena miséria e nós estamos em uma República, mas esta não é a República. A República que queremos é aquela em que todos trabalham, mas também em que todos podem consumir o que é necessário às suas necessidades. A República que queremos é aquela em que se tem (os olhos) fixos sobre o futuro, em que (ilegível) não se para sobre (ilegível).

Falam-nos de liberdade: há a liberdade da tribuna, com cinco anos de prisão no final. Para a liberdade de reunião é a mesma coisa. Na Inglaterra, a reunião teria ocorrido; na França, nem mesmo foram feitas as intimações da lei para dispersar a multidão, que teria ido embora sem resistência.

O povo está morrendo de fome, e não há nem o direito de dizer que se está morrendo de fome. E bem, eu, eu peguei a bandeira preta e disse que o povo estava sem trabalho e sem pão. Eis o meu crime; vocês o julgarão como quiserem.

Vocês dizem que nós queremos fazer uma revolução. Mas são as coisas que fazem as revoluções: é o desastre de Sedan que derrubou o império, e qualquer crime do nosso governo trará também uma revolução. Isso é certo. E talvez vocês mesmos, por sua vez, estarão do lado dos indignados, se for do interesse de vocês.

Pensem bem sobre isso. Se há tantos anarquistas, é porque há muitas pessoas que se enojaram da triste comédia que há tantos anos nos dão os governantes.

Sou ambiciosa para a humanidade; eu gostaria que todos fossem artistas, poetas o suficiente para que a vaidade humana desaparecesse. Para mim, já não tenho mais ilusões. E aqui está, quando o Sr. Procurador-Geral fala da minha vaidade. Ora! Eu tenho orgulho demais para ser uma líder: é preciso que um líder em certos momentos, se curve diante de seus soldados, e então, todo líder se torna um déspota.

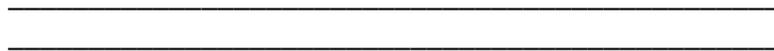
Não quero discutir a acusação de roubo que estou sendo acusado. Isso é ridículo demais. Mas, se quiserem me punir, cometo todos os dias ofensas à imprensa, ofensas de fala e etc. Pois bem, processem-me por essas ofensas.



Em resumo, o povo não tem nem pão e nem trabalho, e tudo que temos em perspectiva é somente a guerra. E nós queremos a paz para humanidade e a união dos povos.

Estes são os crimes que temos cometido.

Cada um procura o seu caminho; buscamos o nosso e acreditamos que no dia em que chegar o reino da liberdade e da igualdade, a humanidade será feliz.”



Louise Michel e Pouget, muito calmos, ouvem, sem a menor emoção, a odiosa condenação que os atinge. Ao presidente Ramé, que lhes dizem que têm três dias para recorrer à revogação, Louise replica:

“Não, Senhor, você serviu muito bem ao Império para que eu recorra de sua sentença”.

Alguns segundos de silêncio; então, uma protestação enérgica, quase unânime – exceto pelos advogados:

*“Viva Louise Michel! Fora os juris! Abaixo os juponniers! É uma vergonha! É uma infâmia!
Viva a Revolução!”*

E, no meio de todos esses gritos misturados e de todas essas protestações confusas, uma voz irrompe:

“Presidente Ramé, lembre-se de Bonjean!”

Os juris desapareceram, as togas vermelhas se dispersam, a multidão se dirige à praça *Dauphine*, onde mais de mil pessoas atentas aguardam o desfecho do processo.



De repente, no topo da escadaria do *Palais de Justice*, ocorre um incidente. Alguns desses miseráveis *juponniers*, a quem eu justamente estigmatizei, insultaram Louise Michel e receberam uma lição justa e merecida do cidadão *Lisbonne*.

Os advogados chamam a polícia em seu auxílio, mas cerca de 60 revolucionários repelem os guardas e policiais e cercam o cidadão *Lisbonne*.

Os *juponniers*, tratados como merecem, fogem para todos os lados, os socialistas retiram-se, carregando no coração a amarga dor de ver dois dos seus – e dos melhores – nas mãos da justiça burguesa por longos meses, talvez.

Quem sabe?

tradução recebida em: 14/10/2023

tradução aceita em: 16/12/2023

tradução publicada em: 30/12/2023



REFERÊNCIAS

MICHEL, Louise. *Défense de Louise Michel*. Bordeaux, 1883. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853366x>. Acesso em: 13 maio 2023.